

CADEIRA N.º 38

Patrono: Tibúrcio Rodrigues

Vaga: Falecimento de Francisco de Meneses Pimentel

Recipiêdo: Pedro Paulo Montenegro

Recipiendário: F. S. Nascimento

Data da posse: Eleito em 12 de novembro de 1973

FRANCISCO DE SOUSA NASCIMENTO. Nasceu em Caririmirim, Município de Serrita, Pernambuco, filho de Raimundo Antônio do Nascimento e Maria Elói de Sousa Nascimento. Em 14 de outubro de 1926. Aos três anos de idade veio para o Crato, onde aprendeu as letras primárias e se diplomou Técnico de Contabilidade na Escola de Comércio daquela cidade. Jornalista. Um dos fundadores do Instituto Cultural do Cariri. Alto funcionário da Universidade Federal do Ceará. Publicou: *Estrutura Desmontada*, livro em que afirmou inequivocamente as suas qualidades de crítico literário. Tem a publicar *Conflitos e Tendências*, premiado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza.

Pedro Paulo Montenegro

Só podemos pensar a Literatura como, aliás, todas as artes, a partir da condição gregária do homem que tende ao aprimoramento da organização sócio-histórica e, por força das circunstâncias, ao aperfeiçoamento de um sistema de comunicação, onde soberana e prioritariamente se assenta a linguagem.

Constitui-se, assim, a Literatura, parte do processo social, c qual, visto em seu todo, forma justamente o verdadeiro contexto da mesma.

O grande mérito da crítica explicativa — New Criticism, Formalismo Russo, Pesquisa Estilística, Estruturalismo em suas várias modalidades — foi ter aceito a linguagem e a forma poéticas como base do sentido poético.

Sobre essa base ela edificou uma resistência a toda crítica “de fundo” — histórica, psicológica, sociológica — que explicasse o literário a partir do não-literário.

Mas o seu grande prejuízo foi a privação do contexto e com isso o menosprezo advindo, muitas vezes, do gênero ou de outros princípios estruturais que levassem o liame às obras sucessivamente explicadas.

O grande logro do partidarismo crítico, seja no campo da crítica exclusivamente *interna*, seja nos limites da crítica exclusivamente *externa*, está exatamente no exagero do exclusivismo de uma sobre a outra. Porque Literatura é, em última análise, uma técnica de comunicação. Se a técnica exige forma, comunicação impõe conteúdo. O óbvio é que, determinada e aceita a forma poética da literatura, procure-se o seu contexto dentro da própria Literatura, ou seja, no conjunto das obras de seu autor e na plêiade de autores dentro do mesmo Movimento Estético, buscando-lhe fontes e influências, “tração e originalidade”, na tese de T. S. Eliot.

Encontraríamos, assim, a síntese perfeita no equilíbrio entre fundo-forma, situação equidistante entre exteriorização e interiorização, quando o aspecto exterior da Retórica corrigisse os excessos da Crítica Biográfica e Social e o estudo sobre o conjunto das obras do escritor contribuísse para a crítica também psicológica que militasse no interior da Literatura.

Estaríamos, então, diante da obra-de-arte literária em posição de quem nela enxerga a comunicação de um homem integral, no seu quádruplo aspecto: físico, fisiológico, psíquico e social, certos de que ela envolve não somente a parte consciente do espírito, como suas áreas mais obscuras no terreno do subconsciente e do inconsciente, porque a plenitude da Arte reside justamente em suas possibilidades de comunicar o que, por vias diretas, se consegue comunicar, e de sugerir, com eficácia, o que a forma ostensiva não consegue resolver por si mesma.

É inegável: por Crítica Literária plena e integral só se pode entender “a obra conjunta da erudição e do gosto voltada para a Literatura”, no dizer de Northrop Frye.

Sua matéria é uma arte e ela mesma é também uma espécie de arte.

Na história da evolução do pensamento e das idéias, por várias vezes, se tentou, senão extirpar pelo menos marginalizar a Crítica Literária, como atividade parasita e até prejudicial. Em vão se tentou, porque o que se viu posteriormente foi seu papel de pioneira da educação do gosto popular e modeladora da tradição cultural. Todos os movimentos de populismo que visaram a um diálogo diretamente com o grande público, numa crença exagerada da “arte pela arte”, numa vulgarização intempestiva de estruturas e idéias, morreram em concessões comprometedoras da qualidade essencial da Arte e empobreceram a própria vida civilizada.

Ao contrário, todos os esforços disciplinadores das interpretações de textos, conscientemente respeitosos da pessoa do artista e de suas produções, desde os pré-socráticos, passando por Platão, Aristóteles, a Escola de Alexandria e surgindo em plena floração dos Renascimentos italiano, espanhol e francês, todos os estudos magistrais sobre Dante, Cervantes, Shakespeare, Milton, Goethe ou sobre os modernos e contemporâneos, por limitados e unilaterais, que, em dado momento, surgissem, deixaram sua maior ou menor contribuição ao enriquecimento do acervo cultural das nações e da humanidade.

A reflexão crítica — não há negar — constitui-se numa estrutura do pensamento e do saber, existente por direito próprio, muito longe de uma situação meramente parasitária — mas um tanto independente da arte com a qual e sobre a qual trabalha.

Corretamente situada, esta reflexão crítica, quando conseguiu fugir do determinismo que a subordinou a correntes de pensamento pré-fabricadas como o sociologismo ou o economismo, o tomismo ou o psicologismo, forneceu axiomas e postulados que nasceram da arte literária mas não se subordina-

ram a ela. Abeberou-se de princípios científicos autônomos e pôde formar um acervo doutrinário válido que se constituiu na Teoria da Literatura.

É óbvio: não se estuda nem se ensina a “fazer natureza” ou a “fazer fato histórico”. O que se ensina, e se estuda, na História, é a ação humana já realizada, nas Ciências Naturais as configurações das substâncias como ao homem se apresentam em sua própria organização. São os fenômenos, para Kant ou Hegel.

A Literatura longe também de ser “disciplina de estudo” é apenas “objeto de estudo”. A Teoria da Literatura vem a ser, pois, uma imitação verbal, sistematizada e universal, das forças criadoras do homem no terreno da Arte Literária.

Sua consciência científica, retira-a ela não só de princípios universais sistematizados, válidos em várias circunstâncias, mas também de sua possibilidade e até de sua necessidade de pedir luzes às várias ciências humanas que para ela inúmeras vezes convergem, como a Lingüística, a Filologia, a Psicologia, a Sociologia, e de também a elas poder vir em auxílio. Frazer, Cassirer, Freud, Young, Lévi-Strauss, Lacan, Althusser, aí estão, aliás, em plena divulgação no Brasil, para atestarem através de estudos seríssimos sobre a formação dos mitos, das religiões, da linguagem escrita e pictórica, da presença do subconsciente e do inconsciente — individual e coletivo — das estruturas sociais e antropológicas. O que, realmente, se vê é uma verdadeira e belíssima simbiose entre os vários ramos das Ciências Humanas, que quando usada com equilíbrio e bom senso permite ao pesquisador de qualquer uma delas conclusões positivas e de alto valor, mas que, também, quando colocada em mãos de vessos mentais produz distorções teratológicas, como o abuso de drogas inadequadamente empregadas.

Eis por que a formação do crítico literário é fruto de recolhimento e contemplação estética, resultado de leituras diurnas, de meditação e estudo de historiadores da literatura, de ensaístas, doutrinadores, de outros críticos mais experimentados, enfim.

Antes de tudo, se exige uma vocação — que se encaminhe para a paciência das re-leituras, da comparação, da dedução, da indução, da análise e da síntese.

A Crítica Literária — que não se confunda com a simples informação jornalística ou periodística — revelará, de cedo, erudição, maior ou menor, de quem a pratica. E quando exercida com amor, conduzirá a estudos e pesquisas com implicações em vários ramos do saber humano. Aí está a sua grandeza, mas também a sua miséria. Ou ela assumirá a humildade e a persistência, o devotamento e a seriedade verdadeiramente monacais e produzirá frutos a longo prazo, ou se adornará das pérolas falsas do retoricismo fácil e do brilharesco das conclusões apressadas, informando mal e comprometendo o *status* universitário que já adquiriu nos países que respeitam a superioridade do espírito e a criatividade do artista.

F. S. Nascimento desenvolve, em seus estudos literários, uma nítida trajetória ascensional que se pressente nos escritores que freqüentou ainda em suas primeiras leituras e impressões ginásianas e se vão cristalizando nos ensaios que reuniu no livro que denominou *Conflitos e Tendências* e que mereceu o prêmio “Cidade de Fortaleza”, de 1967.

São estudos, mais alentados uns, mais rápidos outros; todos, porém, reveladores de grande sensibilidade e sobretudo portadores da preocupação de informações exatas e de questionamento da matéria artística e cultural.

Em 1971, dá F. S. Nascimento à circulação restrita um estudo que intitula *Leitura Crítica de um Conto de Eduardo Campos*.

Submete, aqui, o ensaísta, o conto “O Abutre” — do citado autor — a uma micro-análise, em seus aspectos interno e externo, iluminado sempre por teóricos de Literatura na abordagem da ficção narrativa curta.

São valiosas as suas observações sobre o relacionamento dos espaços físicos e psíquicos, sobre as atitudes das personagens em relação ao tempo que flui, sobre o ponto de vista do narrador e sua sintaxe expressiva.

Consegue o crítico elaborar uma metalinguagem plenamente válida de compreensão do conto estudado.

Em *A Estrutura Desmontada*, de 1972, F.S. Nascimento se conscientiza do arsenal da Teoria Literária e àquela já conhecida intuição científica presente nos tratados anteriores junta agora vasta leitura propedêutica.

Orientado pelos trabalhos de Afrânio Coutinho, divulgados em *Correntes Cruzadas*, aproxima-se de Manfred Kridl, de Wellek e Warren, de Emal Volek, de Forster, de Robert Scholer e Robert Kellop, de Richard Stang e socorrendo-se dos estudos lingüísticos e estilísticos de Saussure, Bally, Ullmann, Guerra da Cal, sem esquecer o genial Araripe Júnior, caminha, com passos firmes e retos, para tentativas de análises das duas obras de Durval Aires: *Os Amigos do Governador* e *Barra da Solidão*.

Seu *leit motiv* crítico, ele o admite e, julgamos, com felicidade, e o define: "Firmados nesse dualismo entre homem e personagem, entre a coisa física e a matéria ideal, entre a realidade contingente e a realidade da ficção, é que procuraremos submeter a estudo o espaço e as proporções existenciais na obra literária de Durval Aires." E, sob essa luz eficaz e fertilizadora, estuda planos e andamento da narrativa, personagens, espaços e proporções existenciais, dimensões temporais, todo o instrumental lingüístico através do poder das perífrases, das peculiaridades sintáticas, do ritmo fraseológico e do diálogo, aliando à sua sensibilidade uma vasta experiência adquirida no convívio de livros e autores.

Hoje, F.S. Nascimento toma posse na Cadeira 38 da Academia Cearense de Letras que tem como Patrono Tibúrcio Rodrigues. Por seus méritos literários foi eleito para a vaga deixada por morte do Senador Meneses Pimentel.

Tibúrcio Rodrigues, como jornalista destemido, grande combatente do jornal *O Rebate*, e Meneses Pimentel, catedrático de Direito Romano, educador, político consciente e honesto, são exemplos eficazes que iluminarão o novel Acadêmico nas suas lides literárias e culturais.

Temos certeza de que corresponderá.